BRASÍLIA E O CINEMA: NA PAISAGEM, O TEMPO

13 - Abordagens Sobre a Cidade e o Urbano

Liz da Costa Sandoval

Orientador: Luciana Sabóia

Programa de Pós-Graduação FAU/UnB (Doutorado)

Ano de início: 2017

QUESTÃO CENTRAL DA PESQUISA

A pesquisa sobre uma relação entre Brasília e o Cinema parte de três premissas principais: a de que a trajetória do cinema se confunde com a das cidades desde o final do século XIX e a sua capacidade de registrá-las cria uma oportunidade de analisar a sua história. Não somente pelo registro da evolução visível dos espaços das cidades, mas também os hábitos, as linguagens, as críticas e as imagens que o cinema é capaz de captar, criar e difundir. A segunda premissa se dá pela intensa relação de Brasília com o cinema: sua construção, inauguração e fatos importantes foram documentados pelas lentes anônimas e também de fotógrafos, jornalistas e cineastas que, atraídos pela peculiaridade de seu projeto e construção, registraram suas mudanças ao longo dos anos.

O projeto de Lucio Costa para o Plano Piloto de Brasília, alcançou grande repercussão mundial, pela materialização de diversos componentes considerados utópicos, relativos aos preceitos do Movimento Moderno e da Carta de Atenas, e pelo grande valor simbólico da nova cidade capital representado pela Arquitetura Moderna Brasileira e seus agentes/atores. Era previsto em suas diretrizes urbanísticas que somente depois que o núcleo original atingisse um certo nível de consolidação, outros núcleos seriam adicionados paulatinamente – por isso a denominação plano-piloto, o primeiro e modelo para os outros. Mas, no entanto, sua concepção original foi alterada mesmo antes de sua inauguração, pelo surgimento de vários outros núcleos habitacionais a sua volta.

ISSN: 1984-8781 - Código verificador: IRCyKOpUMi5Z

O território de Brasília foi, desde a década de 1960, constituído por diversas "localidades provisórias", como eram chamados os acampamentos de construtoras, e também por favelas e invasões, situadas, na maioria das vezes, em áreas estratégicas do Plano Piloto. O processo continuado de remoção dessa população para além do perímetro da bacia do Paranoá faz parte da história da cidade. A promessa do governo e a expectativa dos removidos era ter a mesma infraestrutura e princípios de planejamento moderno. De fato, diversos assentamentos – as cidades-satélites - implantados a partir de 1964, na época do regime militar, possuem, de forma geral, elementos urbanísticos modernistas semelhantes aos do Plano Piloto, o que evidencia sua representação e modelo.

Apesar de suas premissas utópicas, Brasília tem desde o inicio uma relação de profunda disparidade entre o centro e as áreas periféricas que surgiram, na maioria das vezes, com o objetivo de preservação da área central, originando, no entanto, uma relação de co-dependência. Primeiramente dispersa, hoje sua região metropolitana em quase 60 anos já ultrapassa os 3 milhões de habitantes, e o Plano Piloto de 1957 é hoje a menor parcela de um aglomerado classificado como a terceira metrópole nacional. A tensão entre a área central e as cidades-satélites, distantes de 20 a 30 quilômetros do Plano Piloto, com 74% da população total do DF somando 80% de sua população economicamente ativa, está presente nas narrativas e marcada em seu território.

As grandes distâncias que se percorrem devido a configuração de seu território, formado por núcleos distantes em cerca de 30km do Plano Piloto, a co-dependência entre eles, reforçados pelo forte caráter rodoviário do projeto de Lucio Costa, fazem com que a cidade tenha a sua imagem associada aos longos percursos, principalmente em automóvel. A partir da observação de parte do acervo fílmico de Brasília (curtas e longas-metragens documentais e ficções), percebe-se a peculiar e recorrente característica da representação da cidade nos seus percursos cotidianos. E, portanto, a terceira premissa e questão central se estabelece na análise do território pela sua imagem em movimento, quando a categoria temporal adquire uma importância ao abarcar as questões subjetivas da percepção.

O cinema é um dos campos de produção (assim como a literatura e a fotografia, por exemplo) capaz de *integrar as dimensões de sentido, identidade e pertencimento construídos na relação cotidiana entre os sujeitos e os espaços que ele habita e produz* (Travasso, 2016). Algo difícil de analisar por mera descrição técnica das características morfológicas dos espaços ou pela acumulação de dados quantitativos, raramente capazes de transmitir uma leitura qualitativa do território. Acompanhando essa dinâmica, em meados da década de 1990, o cinema brasiliense tem pela primeira vez cineastas de uma geração que nasceu e cresceu em Brasília, e começam a mostrar suas próprias percepções da cidade.

ISSN: 1984-8781 - Código verificador: **IRCyKOpUMi5Z**

O caráter figurativo das imagens favorece a relação direta entre fenômenos complexos ou abstratos e uma figura concreta apreensível, tornando-as instrumentos privilegiados no estabelecimento de um diálogo entre os atores nos processos de produção do espaço. As leituras interdisciplinares de um território e os processos participativos de planejamento tornam necessário o estabelecimento de uma linguagem partilhada que viabilize a comunicação, uma arena comum que sirva de suporte ao debate. Portanto, pretende-se observar a construção, dinâmica e apropriação do território metropolitano em Brasília nos filmes, utilizando uma análise cartográfica como suporte.

OBJETIVOS

Partindo dessas premissas iniciais, o principal objetivo dessa pesquisa é analisar o território de Brasília, constituído de espaço e tempo, buscando uma leitura qualitativa, que se vale da imagem em movimento do cinema.

A leitura do território se realiza pelo *continuum* espacial proporcionado no percurso, na passagem do tempo e sua percepção pelo sistema sensorial, que produz uma ou várias narrativas. Ao adotar o cinema como o meio com o qual se observa a cidade, pretende-se compreender de que maneira se constrói a paisagem metropolitana em Brasília, ou seja, os efeitos da paisagem na imagem do território em seus habitantes.

Para compreender como o cinema vem representando a paisagem e a experiência urbana em Brasília, pretende-se analisar, mapear e inter-relacionar essas imagens e o território, no período recente (últimas 3 décadas), no qual as cidades satélites se consolidam e Brasília torna-se então uma rede polinucleada, com dinâmicas metropolitanas.

METODOLOGIA

Essa pesquisa pretende se desenvolver utilizando do conceito contemporâneo de paisagem, utilizando-o como mediador e “linguagem comum” entre atores e agentes do processo de urbanização/produção de espaço. James Corner (2014) declara a importância dos estudos da paisagem para reconfigurar essa mediação, na reconstrução do significado, no compartilhamento de experiências, e nota a crescente documentação e utilização do termo na era pós-moderna, com maior ênfase na relação da paisagem com a arquitetura. A relação imagem/tempo na paisagem seria capaz de estruturar essa linguagem comum necessária tanto à descrição como à ação em realidades complexas e instáveis.

Parte-se de uma análise do material fílmico em paralelo a uma análise de mapas e documentos sobre o mesmo território, a fim de observar os componentes dessa paisagem: estrutura, escala, cor, textura, som e os aspectos relacionais entre sujeito e espaço. A paisagem é percebida nas suas qualidades estéticas e formais, nas sensações que

ISSN: 1984-8781 - Código verificador: IRCyKOpUMi5Z

transmitem a quem as percorre, nas estruturas e padrões que definem ou no modo como estas podem guiar a leitura destes espaços. Sobretudo, se procura perceber as lógicas que, ao longo dos tempos, as foram modelando; a expressão física dos princípios de organização e dos modos de habitar de quem aí reside.

PRINCIPAL BIBLIOGRAFIA

Banham, R. (1971). Los Angeles: The Architecture of Four Ecologies. S.I.: Penguim Books.

Corner, J. (s.d.). The Landscape Imagination: Collected Essays of James Corner 1990-2010. NY: Princeton Architecture Press.

Costa, L. (1995). Memória Descritiva do Plano Piloto (1957). Em L. Costa, Lúcio Costa: registro de uma vivência (pp. 283-297). São Paulo, SP: Empresa das Artes.

Derntl, M. F. (2016). Além do Plano: a construção das cidades-satélites e a dinâmica centro periferia em Brasilia. XIV seminário de História da Cidade e do Urbanismo. São Paulo.

Doherty, G., & Waldheim, C. (2016). Is Landscape...? Essays on Identity of Landscape. Routledge.

Giedion, S. (2004). Espaço, tempo e arquitetura: o desenvolvimento de uma nova tradição (1 ed.). (A. Lamparelli, Trad.) São Paulo, SP: Martins Fontes.

Hall, P. (1996). Ciudades del mañana : historia del urbanismo en el siglo XX / Peter Hall ; traducción de Consol Freixa. Barcelona: Ediciones del Serbal.

Heidegger, M. (2010). Construir, habitar e pensar. Em M. Heidegger, Ensaios e Conferências (G. F. Leão, Trad., 6ª ed., pp. 125-141). Petrópolis: Vozes.

Heynen, H. (1999). Architecture and Modernity, a critique. (M. Press, Ed.) Cambridge, Massachusetts, England.

Holston, J. (1993). Cidade modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia (2 ed.). (M. Coelho, Trad.) São Paulo, SP: Companhia das Letras.

Koeck, R. (2013). Cine-scapes: Cinematic Spaces in Architecture and Cities (1 ed., Vol. 1). New York, NY, USA: Routledge.

Lefebvre, H. (1994). The production of Space. Oxford: Blackwell.

ISSN: 1984-8781 - Código verificador: **IRCyKOpUMi5Z**

Lynch, K. (2006). A imagem da cidade. São Paulo: Martins Fontes.

Pallasmaa, J. (2001). The Architecture of Image: Existencial Space in Cinema. Helsinki: Building Information Ltd.

Paviani, A. (1989). Brasília: A Metrópole em Crise. Ensaios sobre Urbanização. Brasília: Universidade de Brasília.

Solà-Morales, I. d. (1994). Representaciones: de la ciudad capital a la metropoli. Em I. d. Solà-Morales, Territorios (pp. 55-74). Gustavo Gili.

DIALOGO COM O TEMA DA OFICINA

As análises quantitativas dos territórios - na sua demografia, tráfego, desempenho econômico, etc. – não expressam as profundas relações entre os territórios e as lógicas que os foram modelando ao longo do tempo. Busca-se aqui, portanto, entender o espaço através de seus dois polos - o objeto físico concreto e o espaço imaterial, que corresponde à sua imagem, criada pelo sujeito. E, que as transformações nesse espaço podem se dar tanto através de uma intervenção direta na realidade material, mas também pode acontecer junto ao sujeito, no modo como o espaço é percebido e concebido por este.

Nesse sentido, a pesquisa aqui apresentada utiliza o cinema como meio para a análise do espaço e do tempo tanto reais quanto imaginados e corrobora na percepção do aspecto qualitativo desses espaços. Mas também na possibilidade de perceber a sua capacidade de atuar junto ao sujeito, sugerindo novas interpretações, novas sensações e imagens do espaço habitado, promovendo assim uma nova relação entre os sujeitos e o espaço.

O tema da oficina ressalta que “os tempos do território e da paisagem requerem novos olhares e percepções”. Acrescenta-se observar que existem os tempos da transformação, mas também os da sedimentação, e sendo assim, supõe-se um novo olhar coletivo, consciente e sedimentado. É necessário, portanto, olhar de outra forma para o já visto e percebê-lo para além disto.

As atuais representações de Brasília mostram-se muitas vezes frágeis: parecem faltar leituras partilhadas sobre o que estes territórios são, parecem faltar objetivos e projetos de futuro comuns, parece faltar o reconhecimento de uma identidade política. Face a um discurso público polarizado entre a “cidade central planejada” e as “cidades satélites”, ou face a um discurso disciplinar circunscrito a uma série de modelos urbanos pré-formatados que lhe servem de referência, as representações relacionadas com uma ocupação difusa e informal

ISSN: 1984-8781 - Código verificador: IRCyKOpUMi5Z

do território parecem ressaltar sempre os equívocos e perdas face aos supostos modelos urbanos ideais.

A falta de atenção às qualidades próprias de cada um desses diversos núcleos que formam hoje Brasília[1] e da relação entre eles, faz com que se torne difícil encontrar critérios para a sua transformação ou estabelecer objetivos a perseguir para um território que, por não ser facilmente percebido e apreendido, parece não conseguir entrar na cultura coletiva ou no debate político, porque surge sempre como uma entidade abstrata ou fragmentada.

Brasília é uma cidade construída a partir de premissas utópicas, por um sonho que se tornou coletivo. Depois de 60 anos onde reside a utopia que representou Brasília? O coletivo ainda é capaz de sonhar? É ainda possível encontrar novas maneiras de olhar e perceber Brasília, uma cidade que vem sendo estudada desde sua concepção? A representação de um território e, portanto, um novo olhar sobre ele, pode guiar e dar coerência à ação de todos aqueles que, diariamente, participam na sua construção.

DIALOGO COM PROBLEMÁTICAS REGIONAIS E COM A DISCUSSÃO NACIONAL E/OU INTERNACIONAL

Nas últimas décadas tem-se assistido à emergência das ideias de planejamento colaborativo. Procuram-se processos de caráter inclusivo capazes de envolver diversos atores nas tomadas de decisão, bem como no próprio desenho das soluções a adotar. Travasso (2016) assinala o interesse crescente dos acadêmicos e dos profissionais da área em encontrar um denominador comum no campo de atuação. O autor cita Patsy Healey, que defende, no âmbito de processos de planejamento urbano, a formação de "zonas de transação": leituras partilhadas do que se entenda ser o território sobre o qual os intervenientes deliberam e atuam, leituras capazes de "mobilizar, coordenar e inspirar" as ações de todos aqueles que diariamente participam na sua transformação, assim como da necessidade de "reimaginar e reinventar imagens de lugar, espaço e território"[2].

[1] Diferentemente dos estados do país, Brasília não é dividida em cidades e bairros, portanto não há prefeituras. A capital é composta por 31 Regiões Administrativas (RAs) oficialmente constituídas como dependentes do Governo do Distrito Federal. Cada uma tem outras mil faces e reproduzem a essência da diversidade brasiliense. Fonte: Governo de Brasília, acessado em: http://www.df.gov.br/333/ dezembro de 2018.

[2] Healey, Patsy – Spatial Planning as a Mediator for Regional Governance, *apud* Travasso, 2016.

ISSN: 1984-8781 - Código verificador: **IRCyKOpUMi5Z**

Hoje, num momento em que a *tradição do planeamento moderno se dissolve definitivamente*[3] - seja porque a administração pública não dispõe dos meios necessários para assegurar a execução dos seus planos; seja porque os princípios de previsão e de bem-comum em que tais planos assentavam se mostraram incapazes de lidar com a incerteza que caracteriza os processos de urbanização contemporâneos e com a multiplicação de interesses legítimos neles envolvidos - o planejamento e a produção do espaço urbano são, cada vez mais, processos resultantes das inúmeras ações e da coordenação de múltiplos agentes distintos. Daí a importância da criação de condições para o debate entre os vários mediadores.

PRINCIPAIS IMPASSES E DIFICULDADES

A pesquisa lida com dois grandes temas: cidade e cinema, e há ainda uma grande interseção entre eles. Portanto, os impasses residem em desenvolver uma metodologia de análise que não resulte demasiadamente complexa ou, por outro lado, demasiadamente subjetiva, mas que seja capaz de revelar pontos de contato objetivos e visíveis nessa grande rede que constitui o tema. O objetivo é compreender como o cinema pode agregar nos estudos sobre as cidades e gerar um resultado possível de ser espacializado, cartografado ou que resulte num dialogo entre as ferramentas que criam imagens, desenhos, narrativas, significados, filmes e cidades.

[3] Domingues, Álvaro – Transgénicos. In Tavares, André; Oliveira, Ivo (eds.) – Arquitectura em Lugares Comuns. Porto: Dafne Editora, 2008, pp.27-33.

ISSN: 1984-8781 - Código verificador: IRCyKOpUMi5Z